

José Roberto Santos Neves

Lobo nada bobo

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Ainda me lembro daquele "beijo spank punk violento" e da primeira vez que vi o seu show. Era 1986, no Ginásio do Álvares Cabral, tempos de "O Rock Errou" e Revanche", pouco antes de sua prisão por porte de drogas. Lá estava o roqueiro indócil, guitarra agarrada ao corpo pela correia, a garrafa de uísque na mão direita, soltando sua verborragia sobre uma plateia alucinada ao som de seu rock?n?roll meio nonsense.

Em janeiro de 1991, encontro-o novamente como uma das atrações do Rock in Rio II, no Maracanã, diante de cabeludos ávidos por Sepultura, Queensryche, Megadeth, Judas Priest e Guns N? Roses. E não é que anos antes de "Roots" e do Mangue Beat você cometeu a ousadia de levar a bateria da Mangueira para o palco? Pois é: a nação metaleira não entendeu nada. Cara, você virou alvo de tomates, latinhas de cerveja, garrafas de plástico...

- Eu sei que tem gente aplaudindo, mas a gente não é palhaço não - foi a sua última frase antes de sair de cena.

Chegamos a 1998. Vou a Colatina com o fotógrafo Sergio Cardoso para cobrir um dos shows caça-níqueis da 101ª formação da Blitz. Apresento-me para Evandro Mesquita em um restaurante. Pergunto a ele sobre o antigo integrante que saiu brigado da Blitz, dizendo que a banda não resistiria a mais do que três discos e que um dia desceria no Maracanã de helicóptero com o Papai Noel (tudo isso aconteceu).

- Esse cara é um bundão - respondeu o bacana, irritado.

O ano de 1999 foi agitado. Você lançou uma cruzada contra o jabá e liderou uma campanha pela numeração de discos. Criou o selo Universo Paralelo, pelo qual distribuiu o seu melhor disco, "A Vida é Doce", em bancas de revista. Agora é minha vez de entrevistá-lo. Ligo para o seu celular. Você está no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Atende. Fala desbragadamente durante uma hora, sem interrupção, como se o mundo fosse acabar a qualquer momento e você tivesse de expor todos os seus sentimentos, alegria, raiva, rancor, afeto, amor, em um diálogo com um desconhecido, cujo rosto nunca viu.

Em 2003, o cenário é a Blow-Up, na Praia da Costa. A boate está lotada. O show é raivoso, alto, muito alto, um dos mais barulhentos que já ouvi. Na plateia, uma fã pede insistentemente por "Me Chama".

José Roberto Santos Neves

- Cadê a garota que está pedindo "Me Chama"? Ela pode ir embora, porque não vou tocar.

Mas na hora do bis, com a cara mais cínica do mundo, você se dirige novamente ao público:

- Cadê a garota que pediu "Me Chama"? Agora eu vou tocar.

Fevereiro de 2011: revejo-o num canal de TV paga falando sobre seu livro de memórias. Para não perder o costume, solta farpas contra Deus e o mundo: Chico Buarque, Edu Lobo, Tropicália, bossa nova, o "rock de bermudas" de Brasília. Fala de sua infância complicada, do mergulho nos livros, do suicídio dos pais, da mãe superprotetora, da amizade com bandidos, de como Herbert Vianna "roubou" suas músicas, do desencanto com a sua geração. Renega a antropofagia dos modernistas, mas devora a repórter Elizabeth Pacheco, um docinho que não lhe oferece resistência.

No fundo você quer atenção.

E tem uma sede imensa de expor ao mundo suas idiossincrasias, suas incoerências.

Mas o que seria da vida sem elas?